

226

TENDÊNCIAS DA JOVEM PINTURA NO MUNDO

Por
JULIEN ALVARD

A III.ª Bienal de Paris reuniu, de 28 de Setembro a 3 de Novembro, no Museu de Arte Moderna da cidade de Paris, as obras de jovens artistas representando sessenta países. Ao contrário de outras grandes manifestações internacionais de belas-artes, tal como a «Mostra» de Veneza, a bienal de Paris é exclusivamente dedicada aos de menos de 35 anos. Este ano, as suas principais tendências eram as seguintes: figuração desabusada ou sarcástica do mundo; experimentação de uma arte visual abstracta, em especial nas representações dos «abstractos gráficos»; conservação de um naturalismo total ou parcial, por um lado na «pop-art» anglo-saxónica, por outro no realismo socialista (a Rússia participou pela primeira vez na bienal de Paris).

Não se devem exagerar as fraquezas nem os triunfos desta terceira bienal. Ela tem uma qualidade essencial: é viva, embora seja em parte consagrada às exumações de cadáveres. E os pretensos excessos eróticos que nela existem, não passam de brinquedos de criança. Tudo isto mostra como os jovens artistas esperam encontrar o êxito. Seria pois muito mais o público do que os artistas quem estaria em causa.

De resto, encarar unicamente o problema sob este aspecto, é reduzi-lo às suas aparências.

O que pelo contrário se vê claramente é que a pintura, e principalmente a pintura a óleo, perdeu terreno. A época dos negociantes de tintas, parece ter passado. Agora há por um lado os «letrados», isto é, aqueles que se voltaram sobretudo para a poesia: calígrafos, alfabetos, grafiticos; e por outro lado os «manuais»: os que pintam, cosem, numa palavra os que nos revelaram a nobreza do martelo.

PROMOÇÃO DOS OBJECTOS

Em suma, o que nos impressiona logo de entrada é a decadência da pintura pintada e a promoção dos objectos. Esses objectos são novos e têm a eterna novidade dos começos. Porque embora se fale com frequência de dadaísmo, esquece-se por completo a Pala d'Ouro com a sua colecção de medalhões e de retratinhos, que faz parte do tesouro de São Marcos, em Veneza.

Não queremos dizer com isto que as fatias de bolo do Oldenburg não possam suportar a comparação. Pelo contrário, vê-se imediatamente que os comestíveis imutáveis do pintor de Nova Iorque não têm nada de bizantino. Alimentam-nos um sangue bem diferente.

Encontram-se também objectos em Paris, mas são objectos «bem parisienses». De qualquer maneira o gosto tende mais para aquilo que se toca do que para aquilo que se

(Continua na página 12)

as, era é verdade que a maneira como se dá vale mais do que aquilo que se dá.

PAISES NOVOS, PINTURA NOVA

Algumas secções, a do Congo, por exemplo, e a do Paquistão com Rashid Choadhury, apresentavam obras mais do que estimáveis. Estes países abordam a arte moderna com uma grande franqueza e têm menos recordações e ideias obsecantes. Mais alma e mais profundidade. Gostaríamos que todos os anos certas secções se reunissem. O que se faz com as equipas, não seria possível fazê-lo com os continentes: a África, a Insulíndia? O confronto seria então mais justo, mais válido e aproveitável.

JULIEN ALVARD